

## ***Cena Trimalchionis*: desvios de morfologia verbal em relação à norma clássica descrita nas gramáticas**

Simone Sales Marasco Franco  
Fernanda Cunha Sousa

**RESUMO:** Por inserir na narrativa personagens que participariam de uma "nova burguesia" da época neroniana, a obra de Petrónio é analisada, atualmente, como uma rica fonte para o estudo do latim vulgar. Nessa perspectiva, faremos uma análise linguística da morfologia verbal presente na *Cena Trimalchionis*, em comparação aos estudos encontrados em gramáticas, como FARIA (1958) e FERNANDEZ & ROLAN (1985), a fim de propor uma discussão sobre a preparação dos estudantes de latim, a partir de materiais como esses, para lidar com textos que fogem dos padrões formais do latim clássico.

Palavras-chave: morfologia do latim; Petrónio; ensino de língua.

### **1. Introdução**

A proposta deste trabalho surgiu a partir de desafios encontrados durante a tradução, para de dissertação de mestrado<sup>1</sup>, de excertos da obra de Petrónio, *Satyricon*, do séc. I de nossa era. Foram encontradas formas verbais que as gramáticas utilizadas no ensino de latim durante a graduação não explicavam. A partir desse trabalho, da experiência docente na área de Língua e Literatura Latina e de conversas com outros profissionais da área, surgiu a dúvida se o estudante de latim, com as gramáticas disponíveis atualmente, estaria preparado para lidar com textos que fogem às normas clássicas ciceronianas.

Assim, pretendemos apresentar brevemente as variações encontradas em diversos verbos entre os usos dos radicais de *Infectum* e de *Perfectum* ao longo da cena do banquete na obra de Petrónio, e discutir se o aluno de latim estaria preparado para

---

<sup>1</sup> Aspectos dialógicos e intertextuais no *Satyricon*, de Petrónio, de Simone Sales Marasco Franco.

lidar com textos com esse tipo de questão, a partir do estudo de gramáticas latinas disponíveis, como FARIA (1958) e FERNANDEZ & ROLAN (1985), que constam nas ementas de vários cursos de Latim do país, dentre os quais, o da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde nos formamos e atuamos como docentes<sup>2</sup>.

A escolha pela *Cena Trimalchionis* se deve ao fato de estar presente nela um grande número de personagens pertencentes a uma nova classe em ascensão do séc. I, os chamados "novos ricos". Segundo AUERBACH (2004, p.45), Petrônio utilizaria uma estilização da linguagem utilizada por essas personagens que narram fatos sobre a vida cotidiana da época, a fim de se aproximar a uma espécie de realismo.

Portanto, antes de discutirmos especificamente como se expressa a morfologia verbal da obra em estudo, é preciso rever brevemente sobre o tipo de linguagem com o qual estamos trabalhando - tarefa que, por si só, já se mostra deveras controversa por sua complexidade e falta de consenso entre seus estudiosos da linguística clássica, mas de suma importância para refletirmos sobre qual o impacto dessa variação de radicais e temas de *Infectum* e de *Perfectum* que observamos ao longo do trecho escolhido para análise na construção do texto como um todo.

A linguagem utilizada pelo autor do *Satyricon* provoca discussões entre os estudiosos<sup>3</sup> de língua latina, como BIANCHET (*In: PETRÔNIO, 2004, p. 291*), ADAMIK (1990, p. 01) e (PALMER, 1954, p. 152), em relação à intencionalidade ou não da incorporação de elementos estabelecidos como pertencentes ao latim vulgar em um texto com características marcantes do latim clássico. Segundo BIANCHET (*In: PETRÔNIO, 2004, p. 291*), o *Satyricon* é frequentemente citado como fonte para o estudo do latim vulgar, pelo fato de apresentar elementos característicos do latim falado, principalmente na seção denominada *Cena Trimalchionis* (capítulos 27 a 79), em que o autor insere o discurso das personagens caracterizadas como "os novos-ricos" no texto.

ADAMIK (1990, p. 01) acrescenta que o emprego de formas vulgares para caracterizar o latim falado por ex-escravos demonstra que o autor da obra era bem

---

<sup>2</sup> A Profª Simone Sales Marasco Franco formou-se nessa universidade em 2007 e foi professora substituta nos períodos de: 2009 a 2010 e de 2013 a 2014. A Profª Fernanda Cunha Sousa formou-se em 2004 e foi substituta na mesma instituição durante o ano de 2006 e atualmente é professora efetiva da casa.

<sup>3</sup> Podemos encontrar discussão mais detalhada sobre essa questão acerca da linguagem nos estudos de Sandra (*In: PETRÔNIO, 2004*) e (1996), e AUERBACH (2004).

versado nas “artes da linguagem”, e que conhecia as normas do latim escrito, das quais seu texto se desviava apropriadamente. Mas essa afirmação não reúne o consenso dos estudiosos do assunto, pois há autores (como MARMORALE e PEPE *apud* ADAMIK, 1990, p. 04) que defendem que, com exceção de alguns elementos isolados que podem ser identificados com a fala popular, a linguagem do texto não se distancia do registro formal utilizado pelos autores Clássicos. Um argumento para esse posicionamento é a alegação de que o episódio do banquete se passa em uma cidade grega da Itália. Logo, os desvios em relação ao latim clássico não seriam um registro de linguagem informal da plebe romana, mas uma sátira ao latim dos moradores dessa região (cf. SALONIUS *apud* PALMER, 1954, p. 152).

Os resultados do estudo de BIANCHET (1996), contudo, reforçam a posição de que a linguagem encontrada no *Satyricon*, pelo menos no que se refere à estrutura de orações completivas objetivas diretas com verbo no infinitivo, em oposição a construções com as conjunções *quod/quia*, é basicamente clássica, apesar de apresentar elementos do latim vulgar.

A obra de Petrônio tem sido, portanto, analisada por duas correntes: uma que enfatiza o caráter popular presente na *Cena Trimalchionis*; outra que considera como não substanciais as diferenças de linguagem presentes nas falas de ex-escravos e de pessoas com nível educacional mais elevado (ADAMIK, 1990, p. 04).

Nossa proposta não será a de nos posicionar em relação a esses dois grupos, mas a de sugerir a discussão sobre como o aluno de latim estaria preparado para lidar com textos semelhantes aos de Petrônio, diante de alguns dos materiais disponíveis sobre gramática latina, como FARIA (1958) e FERNANDEZ & ROLAN (1985). A pergunta que nos move é: essas gramáticas, como parte da referência para o estudo de latim, estão preparadas para lidar com um texto como esse, que demonstra a língua viva e variante no tempo e no espaço?

## **2. Fundamentação teórica**

De acordo com FARIA (1958) e FERNANDEZ & ROLAN (1985), os conjuntos de formas que um verbo latino pode adotar em sua conjugação se dividem em três

sistemas temporais, com seus temas específicos. São eles: sistema do presente (a que chamamos de *Infectum*) – identificado a partir da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo; sistema de *Perfectum* – identificado a partir da 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo ativo; e sistema do supino, retirado a partir da própria forma do supino, conforme indicada nos dicionários.

FERNANDEZ & ROLAN (1985) indicam, conforme quadros de conjugação, entre as páginas 61 e 69, as formas de um verbo de cada uma das conjugações verbais, para que o estudante as tenha como exemplos. A única menção sobre que tema é utilizado para essas conjugações (sistema do presente, conforme o autor) está em uma nota explicativa no canto superior direito dos quadros. A partir da página 71, os autores inserem os demais tempos verbais e novamente indicam o tema de base para sua formação, através de notas que indicam resumidamente as informações de supino e *perfectum*. Não há menção à possibilidade de variação dessas formas conforme o registro de linguagem ou o período da obra em que, porventura, se insiram.

Já FARIA (1958, p. 159) define os tempos que utilizam o tema de *Infectum* como aqueles que são de ação incompleta: indicativo presente, pretérito imperfeito, futuro imperfeito; subjuntivo presente, pretérito imperfeito; imperativo presente, imperativo futuro; infinitivo presente, gerúndio, particípio presente. Todos estes tempos são formados a partir do radical de *Infectum*, encontrado retirando-se a desinência –s da 2ª pessoa do singular do verbo no presente do indicativo.

Em seguida, o autor opõe esses tempos aos de ação completa: indicativo pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro perfeito; subjuntivo pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito; infinitivo perfeito ativo. Esses tempos são formados com o radical de *Perfectum*, na voz ativa. Na voz passiva, recorrem a uma conjugação perifrástica, tendo como auxiliar o verbo *sum*. Identifica-se o radical de *perfectum* a partir da 1ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo, tirando-lhe a desinência -i (FARIA, 1958, p. 166).

Sobre a oposição entre *Infectum* e *Perfectum*, FARIA (1958) afirma já ser conhecida pelos antigos

como, por exemplo, Varrão, sendo estes dois temas independentes um do outro, procurando, porém, a língua latina aproximá-los, sempre cada vez mais. Isto só

se veio a ultimar nos verbos derivados, onde os temas de *infectum* e de *perfectum* já aparecem ligados. Nos verbos primários, tal nominalização, porém, nunca chegou a termo (...), razão por que, em muitos verbos, se tornar absolutamente impossível deduzir-se de uma forma de *infectum* qual sua correspondente no *perfectum* e vice-versa. (FARIA, 1958, pp. 228-229.)

O autor atesta, na seção de “complemento ao estudo do verbo”, uma possibilidade de variação em certos verbos, terminados em *-eui*, quando conjugados no perfeito, pois apresentam

em certa formas, a síncope do *-u-* consoante quando este ficava entre vogais semelhantes, como em todo pretérito mais-que-perfeito do indicativo, futuro perfeito, pretérito perfeito do subjuntivo, etc.: *delueram* e daí *deleram*, como *deleuero* e *delero*, *deleuerim* e *delerim*. Por analogia com estes verbos da segunda conjugação, a primeira apresenta fenômeno semelhante, embora foneticamente aí não se justificasse a síncope do *-u-*, que não estava entre vogais semelhantes: *amaueram* e *amaram*, *amauero* e *amaro*, etc. Aliás, tal formação contrata não se limitou a estas formas apenas, tendo-se estendido a quase todo o *perfectum*: *amasti*, *amastis*, *amassem*, *amasse*, etc. (FARIA, 1958, p. 236)

FERNANDEZ & ROLAN (1985, p. 75) mostram que, frequentemente, as formas em *-aui*, *-iui* e *-eui* perdem os grupos *-eu*, *-ui* ou somente *-u-*, formando o que o autor chama de “formas contractas de perfecto”, respectivamente como em: *amasti*, *delesti*, *audisti*, *nostis*, *audii*. Mas o autor não aponta nenhuma razão fonética para esse fenômeno nem, tampouco, aponta período ou gênero textual que propicie essa ocorrência.

Segundo BIACHET (*In*: PETRÔNIO, 2004 p. 308), as alterações morfológicas encontradas no *Satyricon* ocorrem quase indistintamente ao longo de todos os capítulos da obra, o que demonstra que a morfologia verbal “sofreu alterações mais profundas e sistemáticas, que ultrapassaram os limites muitas vezes rígidos e bem marcados entre os registros de fala” (BIANCHET. *In*: PETRÔNIO, 2004 p. 308). Ainda de acordo com a autora, essas alterações, tal como observadas, já haviam atingido o sistema linguístico como um todo, independentemente do registro de fala, por isso são encontradas ao longo de toda a obra (BIANCHET. *In*: PETRÔNIO, 2004, p. 321).

MELO (1951, p. 134) atesta a regularização do tema verbal no latim vulgar, com

a adoção do tema de *Infectum* para tempos como o pretérito perfeito e o mais-que-perfeito do indicativo, que, no latim clássico, flexionavam-se com o tema de *Perfectum*.

NUNES (1945, p. 305), por outro lado, divide os pretéritos latinos entre os de formação forte e fraca. Recebem a denominação de fracos os pretéritos com formação temática em *-ui*, pelo fato de a acentuação recair, nesses verbos, na vogal do tema, ao contrário dos pretéritos fortes, em que a acentuação recai sobre a própria raiz.

Nesses pretéritos chamados fracos, o autor atesta ter ocorrido uma contração, ainda no latim clássico, resultante da tendência para a supressão do *-u-* entre vogais. O autor indica esta como a explicação para se encontrarem, nos clássicos, formas como *amasti, amastis, amassem, amasses*, em vez de *amauisti, amauistis, amauissem, amauisse*. A língua vulgar não só manteve esta contração, como a estendeu aos demais tempos, pessoas e conjugações do passado. Mais tarde, mesmo os pretéritos fortes sofreram alterações, muitas delas por analogia ao ocorrido nos pretéritos fracos, ao ponto de se considerar que, mesmo dos pretéritos fortes, conservaram-se somente vestígios.

BASSETO (2001, p. 283) atesta que, embora tenha havido um movimento de regularização dos temas de *Infectum* e de *Perfectum*, em geral, mantiveram-se as distinções entre as desinências número-pessoais de *Infectum* e de *Perfectum*, também, certamente, com alterações próprias.

A reduplicação, fenômeno morfológico que também marcava o tema de *Perfectum* em determinados verbos, já mostrava também, no latim clássico, a tendência para desaparecer, e foi excluída quase completamente do latim tardio. O mesmo ocorreu nos pretéritos formados por inflexão vocálica, como *legi, uici, uidi*, e formados por adjunção de *-si*. A maioria trocou essa forma pela fraca, com raríssimas exceções.

### 3. Análise qualitativa

Nossa análise se focou nos verbos presentes na *Cena Trimalchionis* (capítulos 28 a 79), avaliando quaisquer modificações que fugissem do padrão do latim clássico estabelecido pelas gramáticas utilizadas atualmente no ensino da língua latina.

Podemos observar que a mudança do radical do *Infectum* para o *Perfectum* ocorreu, majoritariamente, quando consistia em acrescentar o morfema *-u-* ao radical do *Infectum*, donde resultava que a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito se faria em *-ui*, o que acontecia com a primeira conjugação e com alguns verbos da terceira.

Observamos, também, que os tempos verbais que mais sofreram alteração foram o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo e o infinitivo perfeito, ou seja, formas verbais cuja desinência modo-temporal se faziam em *-isse*, e que, no texto, se alteraram de *-isse* para *-sse*, como nos exemplos a seguir. Nesses casos, esperaríamos, segundo as gramáticas, que aparecessem as formas *propinuisse*, no primeiro exemplo, e *intrauissemus*, no segundo. FERNANDEZ & ROLAN (1985, p. 75) não exemplificam esses tempos verbais, embora apontem a possibilidade de uma formação contrata de temas de *perfectum*, como podemos aplicar a estes exemplos. Não identificamos explicações em FARIA (1958) que corroborassem esse uso.

Tres interim iatraliptae in conspectu eius Falernum potabant, et cum plurimum rixantes effunderent, Trimalchio hoc suum propinasse dicebat. (XXVIII)

Obligati tam grandi beneficio cum intrassemus triclinium, occurrit nobis ille idem seruus, pro quo rogaueramus, et stupentibus spississima basia impegit gratias agens humanitati nostrae. (XXXI)

O mais-que-perfeito do indicativo, embora em menor recorrência, também sofreu modificações na obra analisada, utilizando o radical do *Infectum* com desinência modo-temporal de *Perfectum*, como no exemplo a seguir. Nesse caso, esperar-se-ia, segundo as gramáticas, a forma clássica *potuerat*, embora FARIA (1958, p. 236) indique a tendência para a síncope do *-u-* neste tempo verbal, e FERNANDEZ & ROLAN (1985, p. 75) mostrem a possibilidade de uma formação contrata de temas de *perfectum*, conforme apontamos em nossa fundamentação teórica.

Ille miluo uolanti poterat ungues reseca; colubra restem non parit. Glyco, Glyco dedit suas. (XLV)

Há igualmente variação no Futuro Perfeito, que segue o mesmo paradigma do anterior. A forma *resiliuerit*, que seria esperada – conforme tema do *Perfectum resiliu-* indicado em SARAIVA (1993, p. 1030), aparece modificada no trecho seguinte, conforme previsto em FARIA (1958, p. 236). Esse uso também pode ser relacionado ao que foi exposto por FERNANDEZ & ROLAN (1985, p. 75) sobre a formação contrata de temas de *Perfectum*, de acordo com a tendência para a síncope do *-u-* neste tempo verbal, apontada em nossa fundamentação teórica:

Nam litteris satis inquinatus est. Quod si resilierit, destinaui illum artificii docere, aut tonstreinum aut praeconem aut certe causidicum, quod illi auferre non possit nisi Orcus. (XLVI)

Há, contudo, momentos em que o autor não utilizou o tema de *Infectum*, mas apenas suprimiu o *-u-* do radical de *Perfectum*. Podemos dizer que se fez uma regularização da modificação que já vinha ocorrendo com os demais verbos, como no trecho que se segue, em que o infinitivo do verbo *nosco* aparece com o radical do *Perfectum* modificado com desinência *-sse* no lugar de *-isse* — *nosse*, portanto, e não *nouisse*, como indicam as gramáticas. Mais uma vez, esse uso pode, outrossim, ser relacionado com exposto por FERNANDEZ & ROLAN (1985, p. 75).

Sic notus Ulixes? Quid ergo est? Oportet etiam inter cenandum philologiam nosse. (XXXIX)

Da mesma forma, o pretérito perfeito do indicativo aparece com o radical de *Perfectum* com a subtração do *-ui-*, e temos a forma *nosti*, onde esperar-se-ia *nouisti*, caso seguisse o modelo clássico, como atesta o exemplo a seguir. FARIA (1958, p. 236) prevê esse comportamento nos verbos da primeira conjugação, por analogia à tendência para a síncope do *-u-* entre os verbos de segunda conjugação no pretérito perfeito do subjuntivo, conforme mostrado em nossa fundamentação teórica. E, embora não ateste tal comportamento para o tipo de verbo expresso no próximo exemplo, entendemos que seja esse o comportamento aqui também. Já FERNANDEZ & ROLAN (1985, p. 75)

usam esse verbo no mesmo modo, tempo, número e pessoa como exemplo de forma contrata de *Perfectum*.

Sed narra mihi, Gai, rogo, Fortunata quare non recumbit? — Quomodo nosti, inquit, illam, Trimalchio, nisi argentum composuerit, nisi reliquias pueris diuiserit, aquam in os suum non coniciet. (LXVII)

Seguindo a mesma tendência do verbo anterior, encontramos o radical de *Infectum* com a desinência número-pessoal específica do pretérito perfeito, ou seja, de um tempo do *Perfectum*, alterada de *-isti* para *-sti*. FARIA (1958, p. 236) e FERNANDEZ & ROLAN (1985, p. 75) preveem esse comportamento nos verbos da primeira conjugação, por analogia à tendência para a síncope do *-u-* entre os verbos de segunda, conforme apontado em nossa fundamentação teórica. Como exemplo, podemos destacar o seguinte excerto, em que a forma esperada, segundo as gramáticas, seria *declamauisti*:

Nunc coniungere agellis Siciliam uolo, ut cum Africam libuerit ire, per meos fines nauigem. Sed narra tu mihi, Agamemnon, quam controuersiam hodie declamasti? (XLVIII)

O mesmo ocorre no próximo exemplo, em que encontramos o radical de *Infectum* com a desinência número-pessoal específica do pretérito perfeito, ou seja, de um tempo do *Perfectum*, alterada de *-isti* para *-sti*, onde esperaríamos *numerauisti*, conforme preveem FARIA (1958, p. 236) e FERNANDEZ & ROLAN (1985, p. 75) para os verbos da primeira conjugação, por analogia à tendência para a síncope do *-u-* entre os verbos de segunda conjugação neste tempo verbal.

Tu autem, inquit, etiam tu rides, caepa cirrata? Io Saturnalia, rogo, mensis December est? Quando uicesimam numerasti? Quid faciat crucis offla, coruorum cibaria. (LVIII)

Ainda em relação ao Pretérito Perfeito, encontramos verbos em que, além de se utilizar o tema do *Infectum* com a desinência do *Perfectum*, essa desinência também

sofre modificação, neste caso de *-erunt* para *-runt*. Esperaríamos, portanto, segundo as gramáticas, a forma *naufragauerunt*, com o *-u-* agregado ao tema do *Perfectum*, e *-e-*, que integraria a desinência de terceira pessoa do plural.

Putares me hoc iussisse: omnes naues naufragarunt. Factum, non fabula.  
(LXXVI)

Há, também, a presença de verbos com o tema de *Infectum*, mas com a desinência modo-temporal de um tempo de *Perfectum* completamente mantida, como o *-isse*, do pretérito-mais-que-perfeito a seguir, quando a forma esperada, segundo as gramáticas, seria *exopinauissent*:

Intellexi illum uersipellem esse, nec postea cum illo panem gustare potui,  
non si me occidisses. Uiderint quid de hoc alii exopinissent; ego si  
mentior, genios uestros iratos habeam. (LXII)

Em alguns casos, houve a alteração demonstrada por NUNES (1945. pp. XCIX-CXIV), mas esse tipo de modificação não seguiu uma regularidade. Em casos como o do exemplo a seguir e segundo os dicionários utilizados pelos alunos, como SARAIVA (1993, p. 988), na formação do *Perfectum*, há duas possibilidades de radical para o verbo *quaero*, o qual poderia apresentar o morfema *-siui* ou *-ii*. Caso o autor preferisse o radical *quaesiu-*, segundo as gramáticas, teríamos *quaesiueris*; se optasse pelo *quaeri-*, teríamos *quaeriris*. Podemos observar, com esse exemplo, que o autor parece ter mesclado as duas formas, ao optar pela utilização de *quaesieris*.

Omnia domi nascuntur: lana, credrae, piper; lacte gallinaceum si  
quaesieris, inuenies. (XXXVIII)

No próximo exemplo, o verbo *praetereo* também admite duas alternativas para o radical de *perfectum*, formado ou pelo morfema *-iui* ou pelo *-ii*, e sua forma sugere que o autor tenha optado pela segunda possibilidade, suprimindo-lhe um *-i-*.

Plane, inquam, hic debet seruus esse nequissimus: aliquis obliuisceretur porcum exinterare? Non mehercules illi ignoscerem, si pisces praeterisset. (XLIX)

Da mesma forma, no verbo *prodeo*, *is*, *iu* ou *ii*, *itum*, *ire*, o autor parece ter suprimido um *-i-* da segunda forma.

Et prodisset in medium, nisi Fortunata ad aurem accessisset; et credo, dixerit non decere grauitatem eius tam humiles ineptias. (LII)

A partir dessa análise, montamos um breve demonstrativo das ocorrências encontradas ao longo do trecho da obra de Petronio escolhido para este trabalho, com os exemplos distribuídos de acordo com o tempo e modo que apresentam. Em todos eles, encontramos usos do *Infectum* onde se esperavam formas de *Perfectum*.

### Quadro comparativo

Verbos	Número de ocorrência
Verbos no pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo	15
Verbos no infinitivo perfeito	6
Verbos do pretérito mais-que-perfeito do indicativo	2
Verbos no pretérito perfeito	6
Futuro perfeito	3

Desses, são previstas por FARIA (1958) variações somente nos três últimos exemplos demonstrados, embora possamos ver algumas semelhanças no comportamento apresentado pelos demais.

#### 4. Conclusão

Observamos que as gramáticas analisadas demonstram a possibilidade de

variação na flexão verbal, conforme se apresenta no texto estudado. Mesmo assim, a discussão proposta é breve e não abrange todos os casos observados nem se estende em possíveis motivações para eles.

Essas possibilidades de variação encontradas não são satisfatoriamente contempladas pela literatura teórica analisada. As gramáticas estudadas não chegam a fazer uma demonstração sistemática das mudanças na morfologia verbal da língua latina ao longo do tempo, embora FARIA (1958, PP 157-239) traga informações sobre dados diacrônicos da língua latina. Donde a necessidade de apoiar-nos também, ao longo deste trabalho, em estudos de linguística histórica, como NUNES (1945), MELO (1951) e BASSETO (2001), a fim de melhor refletir sobre a questão.

Tem-se defendido que o estudo da Língua Latina torna-se válido por possibilitar o acesso à Literatura Latina. Mas, por optarem por trabalhar, predominantemente, com o Período Clássico da língua, esses autores, muito utilizados no ensino de língua latina, acabam por não preparar o estudante para o embate com determinados aspectos de obras como essa. Talvez até porque essa talvez não tenha sido mesmo a proposta desses autores. Entendemos, portanto, que nesse ponto entra em cena um importante papel do professor de língua, não só de Língua Latina, mas seja ela qual for: ir além do material de apoio adotado, trazendo para a sala de aula propostas que, inclusive, confrontem o material com os quais os alunos estão acostumados a trabalhar e a consultar.

Seja porque Petrônio enfatiza propositalmente o caráter popular de uma vertente de linguagem através da fala das suas personagens ou porque mostra mudanças já em curso na língua, sem pretensão de marcar as diferenças de linguagem presentes nas falas de ex-escravos e de pessoas com nível educacional mais elevado, o fato é que o *Satyricon*, assim como outras obras de indiscutível valor dentro da Literatura Latina, apresenta inúmeros desafios para um pretense estudioso/tradutor. Desafios como esse não devem ser evitados, mas sim incentivados em sala de aula.

Defendemos, por isso, que sejam desenvolvidos trabalhos com os alunos dos cursos de Latim que lhes possibilitem um olhar crítico para um texto, que, como representante de um estágio de língua viva e em pleno uso, vai além dos manuais, para aprimorar, assim, o acesso à Literatura Latina e a apreciação destes e de outros recursos presentes no texto literário e que ajudam a construí-lo como tal.

## ***Cena Trimalchionis*: Verbal morphology deviations from the classical standard described in grammars**

ABSTRACT: For inserting into the narrative characters that would partake in a possible "new bourgeoisie" of neronian times, the work of Petronius is currently analysed as a rich source for the study of Vulgar Latin. In this perspective, we will endeavour a linguistic analysis of the verbal morphology present in the *Cena Trimalchionis*, compared with the studies found in grammars, such as FARIA (1958) e FERNANDEZ & ROLAN (1985), in order to propose a discussion on the preparation of latin students, using materials like these, to deal with texts fleeing formal classical latin standards.

Keywords: morphology of Latin; Petronius; language teaching.

### **Referências**

ADAMIK, Tamás. "'Sermo inliberalis' in *Cena Trimalchionis*". In: CALBOLI, Gultiero (org.). *Actes du IIeme Colloque International sur le latin vulgaire et tardif*. Tübingen: Max Niemeyer, 1990.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história interna das línguas*, v. 2. São Paulo: Editora da USP, 2001.

BIANCHET, Sandra. *Indicativo e/ou subjuntivo em orações completivas objetivas diretas do português: uma volta ao latim*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 1996.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FERNANDEZ, Lisardo Rubio; ROLAN, Tomas Gonzáles. *Nueva gramática latina*. Madrid: Editorial Colóquio, 1985.

MARASCO FRANCO, Simone Sales. *Aspectos dialógicos e intertextuais no Satyricon, de Petrônio*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2014.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 6ª edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945 [1906].

PAUMER, L. R. *The Latin language*. London: Faber and Faber, 1954.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução e posfácio de Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

SARAIVA. F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário Latino-Português*. 10ª Ed., Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993 [1927].

Data de envio: 08 de dezembro de 2014

Data de aprovação: 14 de janeiro de 2015

Data de publicação: 19 de fevereiro de 2015